

# Só a regulação salva agências de rating da extinção

Agentes sugerem espécie de acordo da Basileia para classificadoras

## Natalia Pacheco

Criticadas por não preverem a crise financeira internacional, e até contribuído para o atual colapso econômico, o futuro e o papel das agências de risco – ou ratings – é discutido por especialistas em todo o mundo. Economistas, os bancos centrais e a International Organization of Securities Commissions (Iosco) defendem a criação de uma regulamentação internacional coordenada entre bancos, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco de Compensações Internacionais (BIS, na sigla em inglês). Em vez de representar um tiro de misericórdia nas polêmicas agências, a medida é necessária justamente para salvá-las do que alguns chegam a classificar de extinção anunciada.

O ex-diretor do Banco Central e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas, explica que as agências de risco cresceram em um momento de economia desregulada, atuando junto com bancos, investidores e empresas. A aliança se expandiu tanto que chegaram a fazer análises em certos países no lugar do FMI. Só que ao mesmo tempo em que as agências levantavam dados para os investidores, atribuíam ratings às empresas. E é esse o ponto mais criticado pelo economista. Para Freitas, a atribuição de notas para as companhias virou a mais importante fonte de arrecadação das agências.

– Por essa razão, os critérios utilizados são ideológicos, arbitrários e subjetivos. Falta análise técnica das agências. O excesso de atribuição de notas criou cenários

que não existiam efetivamente, o que contribuiu para a crise – explicou Freitas.

Entretanto, o economista reitera que isso só aconteceu porque não há nenhuma regulação sobre as agências. A solução seria monitorar as instituições e criar mecanismos de punição em caso de erros em ratings. Uma das regras seria revisar constantemente a concessão das agências, que poderia ser cancelada. Para Freitas, além de tornar as análises mais técnicas, as regras diminuiriam o poder de “juízo final” das agências sobre os mercados.

## Ponte para o mercado

Apesar das críticas, o ex-diretor do BC reconhece a importância das agências para o mercado. Longe da condição de simples bastiões da ganância capitalista, exercem importante função de ponte entre os investidores e as empresas.

– Os bancos e os fundos institucionais precisam de análises técnicas para avaliar os investimentos. Eles não têm tempo para fazer todas as análises e é aí que as agências entram em cena – justifica.

Mesmo o governo, cujos representantes reduzem as agências, nos momentos de crise, à condição de “genís” dos mercados, precisam das agências. O Banco Central exige que os fundos institucionais, como os de pensão, invistam em títulos com grau de investimento (investment grade) – a melhor das classificações atribuídas pelas agências. No caso de pessoa física, o investidor pode comprar o papel que julgar mais interessante, sem exigências.

Outro ponto questionado é quem autoriza a atuação das agên-

“

## Agências de risco adotam critérios arbitrários

Carlos Thadeu de Freitas  
ex-diretor do Banco Central

cias no país. Professor do Instituto de Economia da Unicamp, Luiz Gonzaga Belluzzo explica que é o mercado quem determina a atuação das agências.

– Essa função pertence ao governo e não aos agentes do mercado. Deve controlar isso e não os investidores e as empresas – adverte.

A criação de regras para as agências, além de tornar as classificações mais técnicas, aumentaria a concorrência no mercado. Em lugar de várias agências na disputa por clien-

“

## O governo deve controlar a atuação das agências

Luiz Gonzaga Belluzzo  
professor da Unicamp

tes, o número seria mais restrito, mas com maior competitividade.

Procurados pelo **JB**, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o Ministério da Fazenda e o Banco Central informaram que não regulam as agências de risco por elas não atuarem como agentes financeiros. A CVM revelou que já debate internamente a regulamentação das agências. Admite, no entanto, que a discussão ainda está bem no início. Se levada adiante, a pauta só deverá ser debatida no segundo semestre.



**AÇÕES** – As agências de risco contribuíram para a crise financeira

## Moody's concorda com mudanças nas regras

Uma das três maiores agências de classificação de risco do mundo, a Moody's Investors Service informou que não se opõe à regulamentação das agências. Informou que seus objetivos são aprimorar a independência do processo de classificação, elevar a qualidade dos ratings e aumentar a transparência dos critérios de avaliação. A Standard&Poors e a Fitch Ratings também foram procuradas pelo **JB**, mas até o fechamento desta edição, não haviam se manifestado sobre o assunto.

A Moody's afirma, por meio da assessoria de imprensa, que não teme perder credibilidade no setor financeiro devido à crise mundial. Segundo a agência, as avaliações são uma importante fonte de informação para os mercados de crédito que já contam com as análises da agência.

Alguns especialistas acreditam que, além de diminuir o número de agências no mercado, a regulamentação do setor levará bancos, empresas e investidores a procurar menos as instituições.

Para o professor de Economia Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Reinaldo Gonçalves, a queda vai ocorrer, no primeiro momento, como consequência da perda de credibilidade das agências, que não previram a crise financeira internacional e ainda recomendaram a compra de papéis podres. Gonçalves acrescenta que universidades, bancos e consultorias fazem análises mais profundas e técnicas.

Com a diminuição de negócios devido ao colapso econômico mundial, o economista projeta para 2011 o retorno da demanda por agências de risco.

Já o professor de Economia Internacional e presidente do Instituto Desemprego Zero, José Carlos de Assis, aposta no fim das agências com a reestruturação de todo o setor financeiro mundial.

– O sistema financeiro mundial deixará de ser especulativo e se tornará mais real. Os governos vão intervir mais na economia através da redução de taxas de juros e do aumento dos gastos públicos. E as agências perdem função nesse tipo de cenário mais coordenado – prevê o professor. **(N.P)**